

FOTOS: TODD HEISLER/THE NEW YORK TIMES

No topo.
Alta e brilhante, torre tem 104 andares, 410 metros de altura



Arquitetura do novo WTC provoca críticas

Substituto das Torres Gêmeas causa reprovação, entre outras razões, por ser apenas um prédio de escritórios e não um empreendimento misto

Michael Kimmelman
THE NEW YORK TIMES

O mirante, com suas vistas panorâmicas não está terminado. Quase metade do espaço de escritório ainda não foi alugada. Mas meros treze anos depois do 11 de Setembro, o World Trade Center 1 está de pé e funcionando. “Não é tão mau”, afirmou um arquiteto que tem uma janela de frente para o edifício.

Infelizmente, é.

Como o câmpus corporativo e a praça que compartilha, o World Trade 2 fala enormidades sobre oportunismo político, pensamento anacrônico e prioridades urbanas impostas de cima para baixo. É o que acontece quando um incorporador comercial recebe as chaves do castelo. Turistas logo acorrerão aos montes ao topo do edifício, e os inquilinos o ocuparão. Mas um arranha-céu não ocupa simplesmente seu próprio terreno. Mesmo uma torre com a pretensão desmesurada para ser alma cívica da cidade precisa ser mais que alta e brilhante, como é o caso aqui.

Seu exterior espelhado é opaco, laqueado, monomaniaco. Um obelisco abreviado, o edifício se ergue até 104 andares no alto de um bunker de concreto quadrado de 20 andares, só parcialmente disfarçado atrás de painéis de vidro em gelosia. Os cantos grossos, chanfrados, da torre produzem pisos octogonais e um fachada de triângulos íngremes, entrelaçados. Do norte, sul, leste e oeste, o edifício tem a mesma aparência.

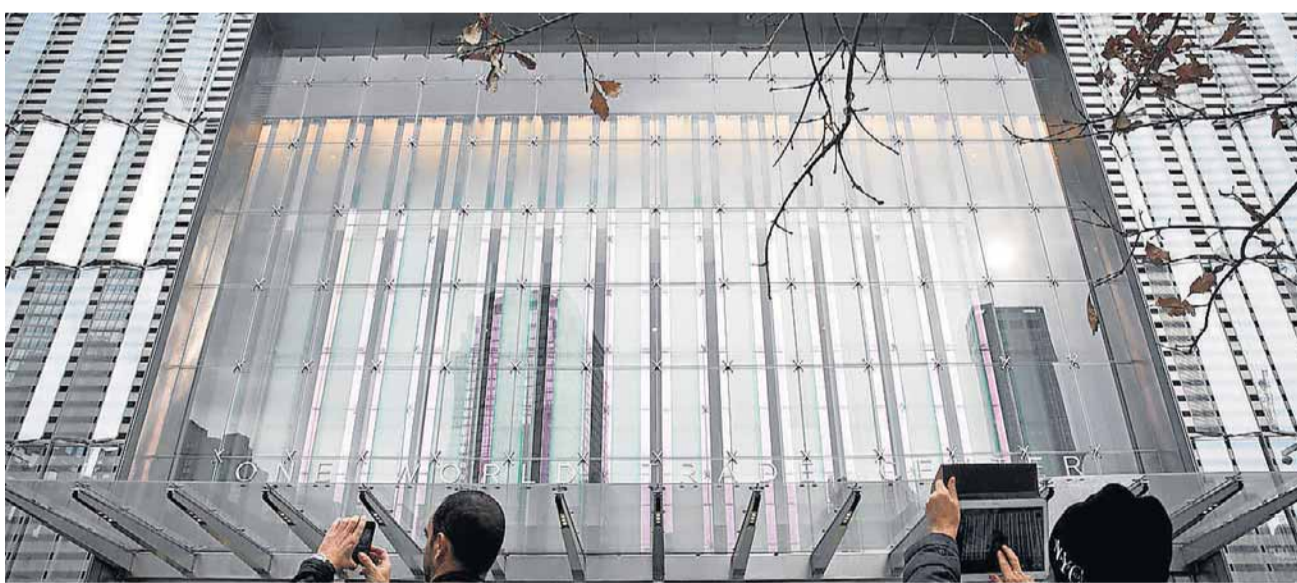
Ele para abruptamente em 410,4 metros, a altura das antigas Torres Gêmeas, atingindo seu número-alvo simbólico – 532,8 metros – mediante uma antena esbelta.

Antena. Contar a antena é como contar condimentos numa disputa de quem come mais cachorro-quente. Mas bastou para o Council on Tall Building and Urban Habitat, que serviu de árbitro. De modo que o edifício é o mais alto do Hemisfério

Occidental – como se isso significasse alguma coisa.

Substituir as Torres Gêmeas por outro prédio de escritórios gigante pretendia, de certa forma, exibir o espírito indomável de Nova York. Ao contrário, o World Trade 1 implica (erroneamente) uma metrópole carente de ideias novas. Ele dá a impressão de que poderia estar em qualquer lugar, menos em Nova York.

Seu arquiteto altamente respeitado, David Childs, da megapropriedade Skidmore, Owings & Merrill, também projetou o World Trade 7, do outro lado da rua, um trapezoide elegante, revestido de vidro, com bordas finas, translúcidas, e um perfil que muda à medida em que ele é



contornado. É um ótimo arranha-céu, atento ao que está ocorrendo no chão, onde a Rua Greenwich desliza pela porta da frente, e o Lower Manhattan está voltando à vida.

O bairro abrigava carrinhos de bebê ocasionais antes de as Torres Gêmeas caírem, mas sua transformação gradual de distrito financeiro numa comunidade de mais de trabalho e moradia ocorreu sobretudo depois do 11 de Setembro – apesar do desenvolvimento do World Trade Center.

Battery Park City, do outro lado do terreno do World Trade Center, foi erguido nos anos 1980 e ofereceu um pequeno contexto e uma espécie de pano de fundo de meia altura para as

imensas Torres Gêmeas trazendo a área mais perto do nível da rua e do cais. Mas ele nunca se conectou realmente com o restante de Lower Manhattan.

Misto. Depois do 11 de Setembro, surgiram conversas a respeito de o empreendimento do World Trade Center incluir habitação, cultura e varejo, capitalizando tendências urbanas e o desejo crescente por um bairro mais autêntico, numa escala humana, onde ficava a praça varrida pelo vento ao pé das Torres Gêmeas.

A ideia, no entanto, foi deixada de lado pelas ambições políticas do ex-governador George E. Pataki, de Nova York, um republicano, e os interesses comer-

ciais de Larry Silverstein, o incorporador com uma participação controladora no terreno, entre outras forças que pressionaram por um complexo de torres de vidro de meados do século 20 cercado uma praça.

Desprovido de instituições culturais prospectivas e de uma vida de rua e habitação, o plano logo se tornou algo parecido a um parque de escritórios ao velho estilo, destinado a morrer de noite – a última coisa que uma geração jovem de nova-iorquinos desejava.

Em retrospecto, se o World Trade Center 1 fosse construído por último, depois que o local tivesse recuperado a vida (e, sim, muitos anos depois), um projeto muito diferente po-

deria ter evoluído. Em vez disso, o prédio, construído como se fosse um desafio para ser o mais alto, requereu fortificações sem precedente a custos astronômicos num terreno imensamente difícil.

Impossível. Childs enfrentou uma tarefa quase impossível: idealizar uma torre a um só tempo sóbria e imensa, aberta e inatacável, digna, mas não monótona. Ele idealizou uma antena elaborada e uma base afunilada. As duas ideias foram vetadas, entre várias outras. O edifício não ficou exatamente como o arquiteto o imaginara.

Poucos edifícios ficam. Não sei se foram as diferenças que fizeram a balança pender.

No lado positivo, o lugar é de primeira linha, com elevadores supersônicos, insolação quase excessiva, e um saguão abobadado caído atrás de muros protetores disfarçados por arte abstrata em tons de cereja; janelas finas, verticais, deixam entrar feixes de luz natural pelas frestas inteligentes na base de concreto ventilado. Painéis de vidro prismáticos, em tons pastéis, amenizam as entradas comprimidas, extra altas das ruas Vesey e Fulton.

Muitos nova-iorquinos detestavam as Torres Gêmeas, mas seus cantos esculturais captavam a luz do sol ao amanhecer e ao anoitecer, criando fitas imateriais de laranja e prata que fluíam para o éter. As torres mudavam a depender de onde você estava, e da hora. O espaço entre elas mudava também; ele se abria ou se fechava à medida que as pessoas se moviam pela cidade.

Simetria. O World Trade Center 1 é simétrico além do necessário, atrofiado no pico, seus cantos pesados são o oposto do imaterial. Não existe mistério, não há desvendamento de luz, nem metamorfose com o tempo, nada para reter o olhar. Por comparação, a torre mais alta da Grã-Bretanha, a Shard, de 95 andares, em Londres, por Renzo Piano, se dissolve e cintila à medida que o dia se transforma em noite.

Telas se acumulam no topo para fazer um ponto agudo, completando a flecha glacial. Imensos painéis superpostos de vidro extra-branco conferem ao edifício uma transparência luminosa e prismática.

Com seu hotel, escritórios, restaurantes, apartamentos e mirante ele é também um empreendimento de uso múltiplo, construído num entroncamento movimentado de trânsito. A questão é que era possível haver algo melhor em Lower Manhattan.

Dito isso, algum dia as portas fortificadas que agora bloqueiam as ruas Vesey e Fulton poderão desaparecer, lojas poderão se infiltrar nas torres de escritório em torno da praça memorial, e a praça pode se tornar mais parecida com um parque. A vida tem um jeito de se apropriar dos lugares menos promissores de Nova York.

Até lá, o World Trade 1 é uma história admonitória. O público tinha um grande interesse em que ele fosse grandioso. Esse interesse não foi atendido. Há outros projetos gigantes como Hudson Yards, Penn Station e Roosevelt Island que remodelarão as ruas e a silhueta da cidade.

Seu planejamento é assunto de todos. Não tão mau quanto será bom o suficiente. / **TRADUÇÃO DE CELSO PACIORNIK**

Detalhes. Acima, o lobby do gigantesco edifício; no meio, o lobby sul tem janelas verticais finas e painéis; abaixo, turistas tiram fotos de uma das entradas do prédio